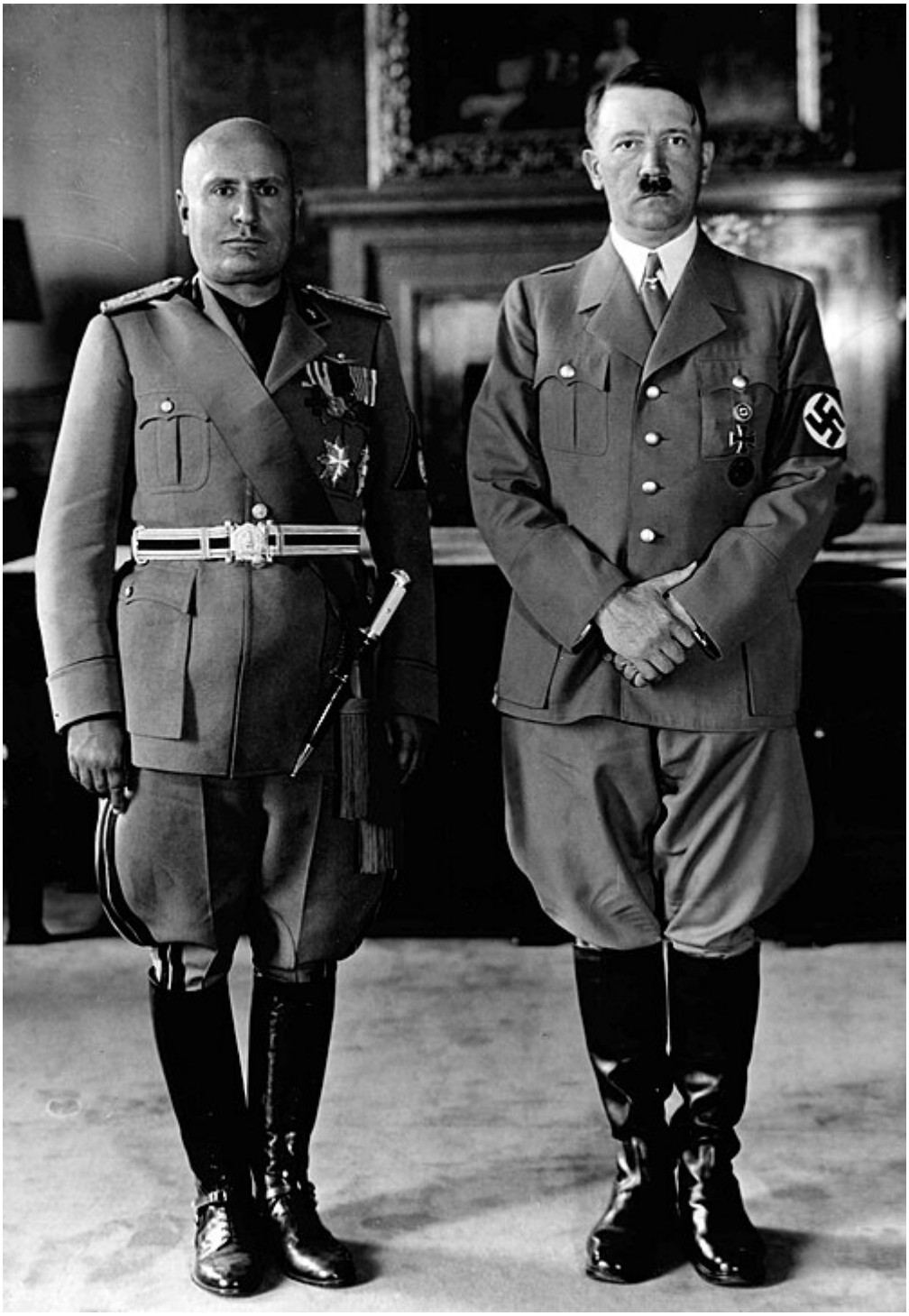
Hitler Mussolini na prefeitura: nos Andes peruanos, uma aldeia de 730 almas elege um prefeito com um nome impossível



Com 25 votos de vantagem, Hitler Mussolini Simeón Flores, de 45 anos, venceu as eleições municipais de Queropalca, encravada no departamento de Huánuco. Coincidência cósmica, brincadeira do destino ou simples moda onomástica? Investigamos um dos episódios eleitorais mais desconcertantes do ano.

No domingo, 4 de outubro de 2026, o Peru foi às urnas para renovar suas autoridades regionais e municipais, poucos

 © Activité-Paranormale 2009-2026

meses depois da vitória de Keiko Fujimori nas eleições presidenciais. Entre milhares de listas em disputa em todo o país, uma acabou cruzando fronteiras: a do distrito de Queropalca, na província de Lauricocha, ao norte de Lima.

Nesse distrito de pouco mais de 730 habitantes, a disputa foi acirrada. Segundo a apuração provisória divulgada por vários veículos latino-americanos, o candidato do Ahora Nación, partido de centro-esquerda, reuniu 229 votos, ou seja, 34,54% dos votos válidos. Superou por 25 votos o Renovación Popular Perú (204 votos), enquanto o Partido País para Todos ficou em terceiro, com 187. Alianza para el Progreso (35 votos) e Somos Perú (8 votos) fecharam a lista, num total de 663 votos válidos.

Enquanto a Euronews e vários outros veículos falam em prefeito «eleito», outros, entre eles El Imparcial e NTN24, são mais cautelosos e se referem a um «virtual vencedor» com base na apuração provisória. A proclamação oficial pelas autoridades eleitorais continua sendo a etapa que selará o resultado.

Quem é Hitler Mussolini Simeón Flores?

Segundo as informações divulgadas durante a campanha, ele é natural de Queropalca. Dirige também a Simeon SAC, um grupo de investimentos sediado em Pillco Marca, igualmente no departamento de Huánuco. Seu perfil biográfico, por ora, não contém nada que indique simpatia pelos regimes cujos chefes seus prenomes evocam: ele se candidatou sob a bandeira de um partido que se define como de centro-esquerda e cujo discurso se baseia na ideia de um Peru como «nação em formação».

É, portanto, apenas o nome civil do candidato que despertou o interesse internacional: a associação, na mesma linha, do chefe do Terceiro Reich e do fundador do fascismo italiano, dois aliados do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial.

> *«Hitler sí, corruptos no» («Hitler sim, corruptos não»)*
>
> Lema entoado nas ruas de Yúngar, em 2018, durante a vitória de outro prefeito peruano chamado Hitler.

O precedente de Yúngar: o «Hitler bom» dos Andes

O caso de Queropalca não é o primeiro. Em outubro de 2018, outro peruano, Hitler Guesclin Alba Sánchez, foi reeleito prefeito de Yúngar, localidade andina da província de Carhuaz, na região de Áncash, situada a mais de 2.800 metros de altitude. Formado em estatística e informática e filho de camponeses, já havia ocupado o cargo de 2011 a 2014.

Sua campanha deu a volta ao mundo com slogans dignos de um romance de história alternativa, «Hitler volta» e «Hitler com o povo». O próprio candidato se apresentava de bom grado como «o Hitler bom», garantindo rejeitar tudo o que o ditador alemão representou. Obteve 47,7% dos votos. O episódio ganhou ares de farsa quando um morador de um distrito vizinho, Lenin Vladimir Rodríguez Valverde, tentou invalidar sua candidatura, sem sucesso: as autoridades eleitorais rejeitaram o pedido.

O mesmo universo onomástico chegou também ao Parlamento: segundo o Diario Panorama, um cirurgião chamado Hitler Saavedra Casternoque ocupou uma cadeira no Congresso pelo Somos Perú de 2021 até sua morte, em 2024.

Por que nomes de imperadores e tiranos nos Andes?

A resposta tem menos a ver com o paranormal do que com a sociologia dos prenomes. O próprio Hitler Alba explicou à rádio peruana RPP que, nos anos 1980, dar um nome estrangeiro a um filho era uma novidade, e que seu pai desconhecia a conotação do nome escolhido. Chegou a pensar em mudá-lo antes de desistir por respeito à vontade paterna, segundo o despacho da agência Reuters.

 © Activité-Paranormale 2009-2026

O fenômeno vai além do nome Hitler. A Reuters lembrava em 2018 que pais da América Latina escolhem com frequência nomes exóticos apesar de suas associações negativas no exterior, e citava um certo Osama Vinladen convocado para uma seleção peruana juvenil de futebol no ano anterior. Em Yúngar, a rivalidade com um «Lenin» prolongava essa curiosa tradição que leva famílias andinas a recorrer ao panteão, glorioso ou funesto, da história mundial.

Nomen est omen? Quando os nomes parecem escrever os destinos

É aqui que o caso roça as margens da nossa editoria. Desde a Antiguidade acredita-se que o nome carrega o destino, do adágio latino *nomen est omen* às tradições mágicas em que nomear é invocar. Nos anos 1990, a seção «Feedback» do semanário científico New Scientist popularizou o termo «determinismo nominativo» para designar aqueles casos curiosos de pessoas cuja profissão lembra seu sobrenome.

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, com o físico Wolfgang Pauli, propôs em 1952 o conceito de «sincronicidade», a coincidência significativa entre acontecimentos sem vínculo causal aparente. Um prefeito chamado Hitler Mussolini num distrito andino, depois de outro prefeito chamado Hitler a algumas centenas de quilômetros: eis material para as leituras junguianas mais audaciosas.

A análise crítica: coincidência, vieses e lei dos grandes números

O cético moderará o entusiasmo dos caçadores de sinais. Os estatísticos Persi Diaconis e Frederick Mosteller formalizaram em 1989 a «lei dos números verdadeiramente grandes»: numa população suficientemente ampla, eventos improváveis deixam de ser excepcionais. Com milhares de candidaturas municipais e um uso difundido de prenomes inspirados na história, a probabilidade de que um deles carregue um nome histórico controverso se aproxima da certeza.

Quanto ao próprio «determinismo nominativo», seus fundamentos científicos são discutidos. A hipótese do «egotismo implícito», defendida por Brett Pelham e colegas em 2002, segundo a qual seríamos atraídos por escolhas que se parecem com o nosso nome, foi questionada por Uri Simonsohn em 2011, que identificou fatores de confusão capazes de explicar parte dos resultados. Nada demonstra que um prenome oriente uma carreira política, e muito menos um voto.

Nada, nos elementos publicados, indica aliás que o nome tenha pesado nas urnas: em Yúngar, os eleitores explicaram que não tinham «complexo» com o nome de seu prefeito, a quem julgavam pela gestão. A viralidade do caso deve muito a um viés de enquadramento midiático: no fluxo mundial de informação, a menção a um nome carregado de história atrai cliques, seja qual for o alcance real do fato. Por fim, um nome não é um programa de governo: a escolha de um pai, por vezes na ignorância do peso histórico do nome, nada diz sobre as convicções do adulto.

E agora?

A proclamação oficial dos resultados e a posse deverão ocorrer, em princípio, nas próximas semanas e meses, a exemplo do calendário seguido em 2018, quando o prefeito de Yúngar assumiu o mandato em janeiro. Até lá, Queropalca, seus cerca de 730 habitantes e seu futuro prefeito terão de lidar com uma notoriedade que ninguém havia programado. O Correio do Estranho acompanhará a evolução do caso.

Insólito - 11 octobre 2026 - Wakonda - CC BY 2.5

 © Activité-Paranormale 2009-2026